

Pedro Henrique Queiroz
Estudante de Licenciatura em Ciências Sociais na Universidade de Brasília. Graduado em Ciência Política pela Universidade de Brasília.

Contato
phqueiroz94@gmail.com

Palavras-chave:
Teoria sociológica; estrutura social; dominação.

Keywords:
Sociological theory; social structure; domination.

ESTRUTURA, PODER E DOMINAÇÃO EM MICHEL FOUCAULT E PIERRE BOURDIEU

Structure, power and domination in Michel Foucault and Pierre Bourdieu

Resumo: O trabalho aborda as visões que Michel Foucault e Pierre Bourdieu engendram acerca do tema do poder. Através de um debate sociológico, são apresentadas as noções conceituais mais fundamentais de cada autor e as formas como estas noções interagem com as compreensões sobre as relações de poder. Desta forma, foi possível mobilizar teoricamente os autores em torno das discussões sobre poder, dominação e estrutura, traçando seus paralelos e semelhanças. O tensionamento das noções sociológicas de poder e dominação dos autores é o objetivo geral do texto, o que implica no levantamento, comparação e organização de suas perspectivas teóricas..

Abstract: The paper addresses the views that Michel Foucault and Pierre Bourdieu engender on the subject of power. Through a sociological debate, the most fundamental conceptual notions of each author are presented and the ways in which these notions interact with understandings of power relations. In this way, it was possible to theoretically mobilize the authors around the discussions on power, domination and structure, tracing their parallels and similarities. The tensioning of the sociological notions of power and domination of the authors is the general objective of the text, which implies the survey, comparison and organization of their theoretical perspectives.

INTRODUÇÃO

A questão do poder e de seu exercício é uma temática amplamente difundida e trabalhada nas Ciências Sociais, tendo sido elaborada por diversos autores ao longo do desenvolvimento da Sociologia. Michel Foucault e Pierre Bourdieu são exemplos de autores contemporâneos que abordam esse assunto nas suas análises e estudos sociológicos, colocando em destaque as problemáticas que envolvem e perpassam as relações de poder nas sociedades.

Um elemento compartilhado pelos autores e que orienta as abordagens sociológicas do poder é a estrutura social, que têm sua perspectiva construída a partir de um olhar histórico acerca de como tal dinâmica foi constituída. Perissinotto (2007) afirma que a estrutura aqui se coloca como um esquema de relações sociais convencionadas, naturalizadas e duradouras, inseridas na análise como o efeito de processos históricos e que orientam modelos de comportamentos coletivos e individuais. A partir desta definição, é possível observar a formulação das relações de poder, para Bourdieu e Foucault, por meio da própria estruturação destas relações na progressão histórica das sociedades, organizando as posições sociais e os acessos aos recursos materiais.

Essa abordagem do poder empreendida pelos autores estabelece uma nova disputa metodológica e epistêmica acerca de como se estuda o poder e seus efeitos nas relações sociais e nas estruturas sociais como um todo. Ou seja, confronta aquela visão clássica de poder como posse ou recurso e que se materializa apenas a partir de relações violentas ou de coerção entre grupos ou indivíduos. O poder, na abordagem clássica e

aistórica, como denomina Perissinotto, "implica, portanto, **uma forma específica de obter do outro o comportamento desejado**" (Perissinotto, 2007, p. 315, grifos do autor). Paralelamente, Simioni (1999) também destaca o movimento de Bourdieu e Foucault de questionamento das concepções clássicas do poder e da dominação, o primeiro por meio de uma visão estrutural e simbólica acerca da dominação e o segundo através da interação entre poderes e saberes, em que toda relação social possui efeitos do poder.

Dessa forma, Bourdieu e Foucault elaboram uma orientação teórica no sentido de uma nova apreensão acerca do real objeto de interesse dentro das análises sobre o poder, que é o enfoque histórico e estrutural dado aos mecanismos, esquemas, ferramentas sociais que são assimiladas de maneira coletiva e individual, em um contexto em que possibilitam o exercício do poder e que induzem às relações sociais desiguais. Seus projetos sociológicos de compreensão dessas relações de poder que são, ao cabo, desiguais, acabam por indicar que, no entendimento de Perissinotto (2007, p. 318),

[...] para Bourdieu e Foucault, o estudo do poder deve priorizar não as ações estratégicas que os atores adotam para realizar seus objetivos (como fazem os adeptos de uma visão episódica), mas sim o mecanismo social que produz a adesão sincera de todos os agentes às regras do jogo, regras essas que definem quais são os objetivos legítimos e quais são os ilegítimos (isto é, aqueles que ameaçam as regras do jogo).

Nesse sentido, o trabalho tem como objetivo principal tensionar as concepções de poder e de estrutura de Michel Foucault e de Pierre Bourdieu,

por meio da apreensão do entendimento crítico que estes autores mobilizam em torno do estudo das relações de poder e de dominação. Compreender os direcionamentos mais específicos sobre a noção de dominação e a importância que a análise estrutural possui na formulação dos conceitos sociológicos nos dois autores constituem-se como objetivos específicos do artigo.

Para isso, na primeira seção, o trabalho se ocupa da apreensão da problemática geral do poder em Foucault, explorando conceitos como redes de poder, poder exercido, disciplina e mecanismos de poder. Já na segunda seção, o artigo se insere na produção teórica de Bourdieu acerca do mundo social, ou seja, de noções sociológicas como campo, *habitus* e capital, e do conceito de poder simbólico, exercício que é essencial para a análise da importância da estrutura social em Bourdieu.

Na terceira e última seção, é feito um breve resgate conceitual, acerca da ideia de dominação em Bourdieu e Foucault, buscando compreender em que aspectos é possível traçar o diálogo teórico entre os autores. Dessa forma, o trabalho de Renato Perissinotto (2007) abre e fundamenta o debate, para que o tensionamento proposto pelo trabalho seja efetuado, além de trazer os conceitos e perspectivas dos autores para o diálogo.

REDES DE PODER E PODER EXERCIDO EM FOUCAULT

Michel Foucault possui um debate extenso sobre o poder, traçando uma genealogia das formas, como também, procurando compreender as relações entre o sujeito, os saberes, os discursos e o exercício do poder. Seu questionamento acerca dos discursos e dos saberes é crucial para o entendimento desta dinâmica, já que em sua visão, os saberes não são neutros e também estão imersos e atuantes nas redes do poder (Santini, 1999).

Na dinâmica social proposta pelo autor, existem redes de poder que atuam de maneira descentralizada, capilarizada e que influenciam as próprias individualidades daqueles que estão submetidos à essa rede. A visão genealógica de poder de Foucault (1995, p. 234) pode ser ilustrada a partir de

[...] uma nova economia das relações de poder, que é mais empírica, mais diretamente relacionada à nossa situação presente, e que implica relações mais estreitas entre a teoria e a prática. Ela consiste em usar as formas de resistência contra as diferentes formas de poder como um ponto de partida. Para usar uma outra metáfora, ela consiste em usar essa resistência como um catalisador químico de modo a esclarecer as relações de poder, localizar sua posição, descobrir seu ponto de aplicação e os métodos utilizados. Mais do que analisar o poder do ponto de vista de sua racionalidade interna, ela consiste em analisar as relações de poder através do antagonismo das estratégias.

Há o destaque às relações que são concretizadas e também impostas à individualidade das pessoas, no que implica na importância da figura do sujeito. Tal enfoque reside, dessa forma, nas grandes variedades de interações que o sujeito exerce e participa no interior de uma sociedade, no interior das relações coletivas em âmbitos como os da loucura, doença, morte, crime e sexualidade. Esses âmbitos são tomados como processos no percurso da racionalização da sociedade e da cultura, a qual Foucault (1995) chama atenção. Sua abordagem, portanto, se dá no sentido da observação de rationalidades de maneira mais específica, fugindo das interpretações que colocam o progresso da racionalização como o evento que invoca essa generalidade racionalizante na sociedade.

Nesse sentido, na visão de Santini (1999), o movimento político europeu de maio de 1968 impulsionou a perspectiva presente em Foucault de que o exercício do poder é uma dinâmica que se reveste de formas, locais e interações diversas, que não é exclusivamente vinculada à figura do Estado e que recoloca a compreensão do poder não como posse, mas sim como exercício constante. Esse poder, fortemente aliado à uma estrutura histórica e hierárquica, opera a partir da técnica, da normalização e do controle, mecanismos, ferramentas, procedimentos que são imperceptíveis e que se cristalizam em um poder que é imperceptível na sociedade (Perissinotto, 2007). É pensar mecanismos como as instituições jurídicas, os internamentos psíquicos, a normalização mental de cada indivíduo como atuantes numa engrenagem mais geral do poder. Para Foucault (1989, p. 8):

Estas novas técnicas são ao mesmo tempo muito mais eficazes e muito menos dispendiosas (menos caras economicamente, menos aleatórias em seu resultado, menos suscetíveis de escapatórias ou de resistências) do que as técnicas até então usadas e que repousavam sobre uma mistura de tolerâncias mais ou menos forçadas (desde o privilégio reconhecido até a criminalidade endêmica) e de cara ostentação (intervenções espetaculares e descontínuas do poder cuja forma mais violenta era o castigo “exemplar”, pelo fato de ser excepcional).

Através desta nova percepção sobre as relações de poder, Foucault busca destacar o próprio exercício do poder, ou seja, como ele é praticado, já que as relações estabelecidas a partir deste fenômeno se constituem através de interações entre capacidades objetivas, relações de comunicação e a própria relação de poder. Estes domínios, que são distintos, interagem entre si e possibilitam, de maneiras diversas, o exercício do poder. A abordagem, que parte da questão de “como se exerce o poder”, revela mais uma vez que Foucault enfatiza a multiplicidade sociológica das relações de poder, para além das perspectivas que simplificam o poder em análises unitárias e relacionadas ao conflito e coerções físicas (Foucault, 1995).

Nesse sentido, as disciplinas são, para Foucault (1995), os espaços e interações sociais que possibilitam a engrenagem de tal sistema composto entre comunicação, poder e capacidade. O autor cita o exemplo das instituições escolares, que possuem atividades bem definidas e reguladas, além da ordenação dos corpos e de suas funções, isto é, seu sistema apresenta um modelo de articulação que envolve a correspondência entre os três domínios e também apresenta momentos em que um dos três domínios se sobrepõe aos outros. Assim, a disciplinarização – como técnica de exercício de poder – nas sociedades representa também um movimento político e social, que controla cada vez mais as relações sociais existentes entre atividades de produção, de comunicação e as relações de poder.

Por fim, as já mencionadas redes de poder que funcionam para Foucault a partir das numerosas e indissociáveis relações de poder que perpassam, qualificam e constroem o mundo social, funcionando a partir da produção, acumulação e circulação do discurso que veicula tal produção da verdade (Foucault, 2017). A submissão do indivíduo ao poder também é motivada por meio da produção e circulação desta verdade, que ao mesmo tempo, proporciona o exercício do poder. Na visão do autor, o poder está sempre exercendo as atividades de interrogação, indagação e registro em busca desse discurso da verdade, e o indivíduo está condicionado a produzir estas verdades como se produzem riquezas. Por meio da verdade que os discursos são legitimados e transmitem os efeitos do poder, por exemplo, naquilo que impõe que um corpo, seus gestos, seus desejos e até seus discursos sejam enxergados como um indivíduo concreto, dinâmica que já representa um efeito de poder. Essa dinâmica em Foucault motiva a percepção do autor de que o próprio indivíduo em si mesmo seja um caminho do poder, um centro de transmissão que faz parte dessa rede altamente conectada e de vasto alcance, em que o poder perpassa e molda o indivíduo (Foucault, 2017).

Pode-se dizer que esse é um exemplo de como captar o poder nas suas extremidades, fugindo mais uma vez daquela concepção clássica de poder vinculada às questões jurídicas ou puramente à disputa, ao conflito. Para o autor (2017, p. 284):

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles.

A partir desta elaboração do autor acerca da rede de poder, suas noções sobre a dominação

e como ela se impõe nas dinâmicas de poder na sociedade serão aprofundadas na terceira seção, em diálogo com o seu conceito de poder pastoral e com as perspectivas de Bourdieu sobre a dominação.

ESTRUTURA E PODER SIMBÓLICO PARA BOURDIEU

Por sua vez, Pierre Bourdieu, a partir da perspectiva relacional na Sociologia, empreende uma análise do mundo social em que busca envolver as visões entre estrutura e sujeito a fim de compreender as problemáticas sociais que estão envolvidas, por exemplo, na formação de individualidades e coletividades, na educação e também nas relações de poder. Para apreender as noções de Bourdieu acerca das estruturas sociais e, por conseguinte, o poder simbólico, é necessário compreender conceitos como campo social, *habitus* e capital, ideias primárias em Bourdieu, que organizam seu entendimento sobre o mundo social.

Bourdieu enxerga que o objeto descritivo da sociologia está inscrito naquelas relações invisíveis, implícitas, o que resulta na ideia de campo, aqueles espaços que não são visíveis, mas que são construídos e mobilizados em torno das práticas sociais e que no seu interior atuam forças que modificam os indivíduos e seus comportamentos. O campo, portanto, engloba as relações objetivas entre as pessoas inscritas nesse espaço social imaginário ou não, as posições que os indivíduos ocupam nesse espaço e as relações que o conjunto dos fatores individuais e coletivos estabelecem com o campo (Bourdieu, 2021).

Este campo, que é relativamente autônomo e que é impositivo em relação ao indivíduo que se localiza nele, está em disputa constante, colocada pelos próprios indivíduos inseridos em seu interior, a partir de seus discursos e suas posições. Os discursos emitidos e as posições ocupadas pelo indivíduo no campo social são determinadas pelos capitais (simbólico, político, econômico, cultural, social) e pelos *habitus* próprios de cada indivíduo. Nesse sentido, na visão de Simioni (1999, p. 112), “No caso de Bourdieu importa reconstituir o ‘campo’ dos agentes emissores dos discursos e a posição que cada um destes ocupa no espaço social em que se inscrevem, para se compreender que tipo de poder se está se referindo”.

O *habitus*, por sua vez, se representa na rememoração das experiências passadas das pessoas, sua trajetória pessoal, sendo esses estímulos que o campo fornece ao agente e os estímulos que os indivíduos já carregam da interação em outros campos. Segundo Bourdieu (2021, p. 47, grifo do autor), “O que chamo de *habitus* é aquilo que é chamado pelas coisas sociais e que faz com que essas coisas sociais, em vez de serem objetos mortos, tornem-se realidades vivas: é um hábito que sabemos portar ‘como se deve’”. Nesse sentido, o social vai se concretizar, ao mesmo tempo,

a partir dos *habitus*, das disposições e interações que são produto desse trabalho de absorção dos modos sociais e dos mecanismos implícitos que designam as estruturas e normas da vida social, da prática social. Portanto, o social se materializa ao mesmo tempo nas coisas e nos seres. O *habitus* – que está em constante interação com o campo social – é colocado em prática na ação social do indivíduo por ser essa disposição adquirida, que, de forma paralela, estrutura sua atividade social com vistas ao alcance de seus interesses – a partir da sua relação e posição em um campo social específico – e é estruturada pela força do ambiente social, pelo o que os campos exigem do indivíduo (Bourdieu, 2021).

O debate sobre o capital também faz parte da discussão entre campo e *habitus*, já que o capital atua como fator relevante na possibilidade de agência do indivíduo dentro do campo e na efetividade do *habitus* colocado em prática. Para Mateo e Antonucci (2013), o espaço social se estabelece de maneira que as pessoas inseridas nele se posicionem a partir de seu capital, seja econômico ou cultural. Na visão de Bourdieu (1996), o volume de capital que o indivíduo possui, o peso que os capitais cultural e econômico adquirem no conjunto próprio e o crescimento do volume e da estruturação destes capitais ao longo do tempo são as dimensões básicas em que o capital influencia na organização do espaço social como um todo.

O capital, em si, como conceito, possui as dimensões de objetivação, incorporação e de institucionalização, pelas quais ele é expresso e utilizado em torno de interesses específicos de um agente, no seu posicionamento dentro de um campo ou na imposição de um discurso como verdadeiro. O capital que é simbólico, representa a mistura entre capitais distintos, sendo expresso em um contexto ou campo específico. O capital simbólico, portanto, depende de condições especiais, no qual a interação entre tais capitais diferentes, vai representar uma força relevante naquele campo em especial.

Após a apresentação das noções mais fundamentais do pensamento de Bourdieu e de sua visão acerca dos elementos que constituem uma estrutura social, é possível compreender de maneira mais objetiva a ideia de poder simbólico. Na visão de Bourdieu, os ditos esquemas simbólicos possibilitam para si o exercício de um poder estruturante pelo fato de serem estruturados. Tal abordagem estruturalista que envolve o exercício, a ação sistemática com a questão simbólica é levantada a partir da perspectiva que enxerga o poder simbólico como um recurso que constrói a realidade e a interação social, no estabelecimento de uma visão gnoseológica do mundo social (Bourdieu, 1989).

O poder simbólico, dentro dessa dinâmica, é, para Bourdieu (1989, p. 7-8), “[...] esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”.

Pensando a partir da concepção da sociologia do pesquisador, que tem por objetivo a evidencição de estruturas simbólicas imperativas (Rosa, 2017), os sistemas simbólicos abrigam no seu interior uma disputa e o poder simbólico representa um poder que não produz ameaças físicas ou coercitivas (não sendo este seu combustível, como nas concepções clássicas de poder), mas que opera através do conhecimento, do reconhecimento e da aceitação simbólica voltado ao contexto ou dinâmica sustentada pela estrutura. Na visão de Perissinotto (2007, p. 318):

Assim, o poder reside, sobretudo, na aceitação, por parte de todos os agentes, da distinção entre o pensável e o impensável, entre o dizível e o indizível, distinção essas que legitima a estrutura de relações de força predominante no campo e estigmatiza qualquer visão alternativa.

Essa relação de poder pressupõe a crença na submissão, o entendimento do dominado de que a relação que está sendo colocada faz parte do esquema simbólico predominante. A dinâmica da dominação e da crença será mais explorada na terceira seção.

PERSPECTIVAS E DIÁLOGOS ACERCA DA DOMINAÇÃO

A partir da compreensão geral dos aspectos inerentes à visão dos autores acerca do fenômeno do poder na sociedade como um todo, o trabalho vai se dedicar ao entendimento da interação, do debate e dos diálogos que podem ser estabelecidos entre Foucault e Bourdieu no que diz respeito às suas abordagens quanto às relações de dominação na sociedade. Tomando como base o artigo de Renato Perissinotto (2007), intitulado “História, sociologia e análise do poder”, no qual faz um percurso teórico de compreensão acerca das abordagens sociológicas clássicas a partir do poder e estabelece alguns pontos de convergência no debate das correspondências e mutualidades nas perspectivas de Foucault e Bourdieu.

O diálogo entre os autores se materializa nos seus esquemas estruturais históricos utilizados e nas abordagens acerca de, por exemplo, como o poder se concretiza a partir de uma estrutura social condicionada às motivações às práticas sociais do poder, a dinâmica em que se relacionam poderes e saberes, além dos questionamentos que envolvem as relações de consentimento entre dominantes e dominados (Perissinotto, 2007). A visão aqui motivada por Perissinotto (2007) estabelece uma relação inicial entre, por exemplo, o esquema analítico da genealogia do poder, de Foucault, e a importância da pesquisa histórica, para Bourdieu. A primeira noção coloca em destaque a dimensão histórica das relações, incluindo no debate os antecedentes que possuem seu grau de relevância, enquanto que a segunda abordagem apoia a tomada de consciência de instrumentos capazes de evidenciar o que está oculto ou invisível na sociedade (Perissinotto, 2007).

Uma divergência importante entre as conceituações de poder em Foucault e em Bourdieu é a diferenciação apontada por Neto, Dias e Caleffi (2015), que indicam que Foucault posiciona o poder dentro das próprias relações, utilizando a disciplina como ferramenta, ao passo que Bourdieu comprehende uma visão que traça a separação entre dominantes e dominados, a partir das ideias de *habitus* e de capital simbólico. Essa diferenciação é interessante, pois Bourdieu já busca estabelecer que nas relações de poder existam orientações divergentes entre dominados e dominantes, o poder está se colocando de maneira desigual e sustentando as distinções próprias da dominação. Foucault, por sua vez, dá importância às características da disciplina como um alicerce das relações de poder e da produção da dominação.

Nesse sentido, considero que seja possível concatenar os estudos do poder de Bourdieu e de Foucault, nos quais a realização de uma análise estrutural empreende novos dispositivos e olhares sociológicos na discussão sobre os poderes e suas formas de estabelecimento. As questões que são destacadas no entendimento de como o poder é exercido, juntamente dos contextos sociais que consolidam o poder e a dominação na sociedade, são mobilizações teóricas que os autores fazem, à maneira de cada um, nas discussões sobre os mecanismos de poder, para Foucault, e a importância da crença, em Bourdieu, no exercício e permanência das relações de dominação nas sociedades.

A disciplina e a soberania, para Foucault, constituem-se em caminhos conceituais para a discussão, tanto dos mecanismos e técnicas do poder, quanto da própria dominação na sociedade. O próprio deslocamento da compreensão do poder por meio da soberania – ferramenta teórica própria às estruturas políticas feudais – para o entendimento da dominação e da disciplina como objeto de estudo do poder é essencial no debate foucaultiano. As redes de poder e a ascensão do poder disciplinar também são evidenciadas na discussão, tendo em vista que demonstram como essas relações de dominação exercem um verdadeiro poder de vigilância aos indivíduos:

Este novo mecanismo de poder apoia-se mais nos corpos e seus atos do que na terra e seus produtos. É um mecanismo que permite extrair dos corpos tempo e trabalho mais do que bens e riqueza. É um tipo de poder que se exerce continuamente através da vigilância e não descontinuamente por meio de sistemas de taxas e obrigações distribuídas no tempo; que supõe mais um sistema minucioso de coerções materiais do que a existência física de um soberano. Finalmente, ele se apoia no princípio, que representa uma nova economia do poder, segundo o qual se deve propiciar simultaneamente o crescimento das forças dominadas e o aumento da força e da eficácia de quem as domina (Foucault, 1995, p. 105).

Assim, como sinaliza Foucault (1995), as ferramentas de sujeição possuem sua investigação e sua análise de maneira coordenada com

instrumentos de exploração e de dominação. Nesse sentido, ao estudar esses fatores, não se pode dissociá-los entre si, nem do entendimento dos processos socioeconômicos como as forças de produção e as estruturas ideológicas que orientam a reprodução das subjetividades.

Já na análise de Bourdieu (2019) acerca das estruturas que possibilitam o exercício do poder, como os campos sociais e de poder, é importante observarmos o destaque que o autor faz da abordagem de Foucault sobre as questões da disciplina, propondo uma diferenciação às teorias tradicionais à esse respeito, no rompimento com a teoria dos aparelhos e na elaboração de análises baseadas nas relações de tipo dominação/sujeição. Aqui, a capilaridade do poder, assinalada por Foucault, é ponto central no “duplo movimento” foucaultiano que Bourdieu identifica como a dissolução da compreensão sobre os aparelhos de repressão e a reintrodução dos processos de sujeição nas análises.

A partir dessas reflexões, Bourdieu (2019) identifica em Foucault a essência fundamental dos estudos acerca da dominação, que é a compreensão da ideia de subordinação, entendendo que existem múltiplas formas de sujeição na sociedade. Esses espaços de subordinação são o que Bourdieu chama de campos, convergindo com Foucault na ideia de que a apreensão das formas como o sujeito é fabricado, é moldado, sendo mais importantes do que a formação do soberano ou dessa centralidade de forças para a análise da dominação e da relação entre poder e dominação, entendendo também o papel dos dominados nessa dinâmica. O autor acredita que tal resposta deve ser procurada na crença, já que, em sua visão, a própria obediência é uma ação de crença: “Aquele que obedece acredita, reconhece que a ordem que lhe é administrada merece ser obedecida” (Bourdieu, 2019, p. 327).

Dessa forma, como mobiliza Bourdieu (2019), a obediência dóica surge quando o indivíduo, utiliza de visões, categorias, esquemas epistêmicos que são produzidos pelas estruturas do mundo para compreender e conhecer tal mundo. Nesse contexto que a ideia de violência simbólica floresce como uma coerção instituída pela adesão que o dominado outorga ao dominante, quando o dominado utiliza de instrumentos comuns ao dominante para se compreender e compreender as suas relações com o dominante, fazendo com que tal relação seja normalizada (Bourdieu, 2019). A perspectiva mais geral de Bourdieu (Wacquant, 2013, p. 92, apud Bourdieu, 1994, p. 57) acerca da dominação se exemplifica nos seguintes moldes:

A dominação não é o efeito direto e simples da ação exercida por um conjunto de agentes (a ‘classe dominante’), investido de poderes de coerção, mas sim o efeito indireto de um conjunto complexo de ações, que se engendram na e pela rede cruzada de limitações que cada um dos dominantes, assim dominado pela estrutura de dominação através da qual exerce sua dominação, sofre de parte de todos os demais.

Nesse sentido, a questão da obediência relacionada ao poder e à dominação, para Bourdieu, é elemento central na dinâmica social que o autor propõe. A obediência ilustra, por exemplo, os *habitus* de um campo, inscritos no respeito e na relevância de uma regra coletiva, processo que é construído por mecanismos como a educação, a aprendizagem, a religião e as leis. Na visão de Simioni (1999) acerca da proposta estruturalista genética de Bourdieu, a autora enxerga sua análise como um conjunto de estruturas que não são visualizadas pelos agentes, mas que influenciam sua ação, fator que é importante na apreensão das relações simbólicas, por exemplo, também como relações de dominação. Foucault não relata exatamente a obediência na sua perspectiva do poder e da dominação, mas procura colocar em evidência as ferramentas que garantem e que mobilizem a subordinação ao poder e posterior normalização das relações inscritas no interior desta estrutura internalizada pelo indivíduo.

Por exemplo, o poder pastoral, que está associado a uma instituição religiosa, estende-se pelo tecido social, apoiado por diferentes instituições e mobilizado por meio de diferentes mecanismos, inclusive um deles sendo o Estado. O poder de salvação, na dinâmica pastoral, garante a força de sedução que mobiliza a subordinação às regras, hierarquias e técnicas de poder. Foucault (1995) menciona ainda que existe uma estratégia entre poder pastoral e poder político, a qual tem como objetivo a individualização dos poderes, ou seja, fragmentando o poder e suas técnicas em diferentes âmbitos: família, educação, emprego e medicina. Há toda uma simbologia destas ações relacionadas ao Estado, no contexto em que Bourdieu (2019), por sua vez, postula que a obediência ao Estado é exercida quando os indivíduos, os agentes sociais possuem o Estado na cabeça, na sua mentalidade, na lente ótica e social que guia a compreensão do mundo do indivíduo e nos *habitus* que ele incorpora.

Por fim, para Perissinotto (2007), a interconexão entre as ideias de poder e dominação permite ao pesquisador abordar as questões que envolvem tanto a reprodução social quanto a transformação social. Os estudos em torno destas problemáticas sociais, feitos por Foucault e por Bourdieu, tomam proveito da abordagem histórica no que diz respeito às questões inerentes à própria estrutura social para construir aqueles esquemas sociológicos que relacionam e dão luz às ideias e práticas sociais de poder, dominação, exploração, reprodução social, formulação de individualidades, hierarquia social, entre outras. Portanto, em seus entendimentos acerca de uma nova forma de estudar e de enxergar as relações de poder, cada autor com seus argu-

mentos e direcionamentos teóricos mais específicos, evidenciam os focos de convergência e diálogo entre seus debates acerca das dinâmicas de poder na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível observar, portanto, que os autores possuem princípios semelhantes a respeito das suas compreensões estruturais da sociedade e das questões acerca do poder. Seja por meio das redes de poder ou através do poder simbólico, Foucault e Bourdieu convergem na visão de que o poder é um fator social que está espalhado na sociedade, de maneiras propositalmente imperceptíveis aos olhos do indivíduo, que internaliza e naturaliza as relações que concernem ao exercício do poder. O discurso, nessa dinâmica, ganha relevância na tarefa de mobilização das verdades e saberes que legitimam o poder exercido, acumulado por meio de mecanismos e hierarquias, para Foucault, ou em capitais e *habitus*, para Bourdieu. Dessa forma, a convergência teórica entre os autores abre grande espaço para a interconexão e o tensionamento entre suas noções conceituais.

A vasta produção teórica e metodológica de Michel Foucault e Pierre Bourdieu pode ser mais explorada no que tange aos diálogos possíveis entre seus estudos e suas análises. A questão do poder é apenas uma vertente, apesar de abranger uma multiplicidade de temáticas sociais. Foucault, por exemplo, examina sociologicamente e por meio do debate sobre as relações de poder, assuntos como a morte, a doença, a religião e o Estado. Por sua vez, Bourdieu aborda, da mesma maneira, as relações de dominação, as posições e as hierarquias sociais, a educação e as classes sociais.

Ao mesmo tempo em que tal pesquisa lida com diversos fatores e temas, as semelhanças entre os autores, no que diz respeito à importância dos saberes, dos discursos, da compreensão histórica aliada ao olhar para as estruturas sociais, a complexidade e alcance do poder, podem ser evidenciadas e mobilizar novas análises sociológicas acerca das problemáticas que derivam do estudo de relações desiguais. Como visto durante o texto, existe espaço e teoria para que o diálogo entre estes autores contemporâneos seja explorado, com o acompanhamento de novas perspectivas sociológicas, mobilizadas seja por questões democráticas e políticas, por exemplo, ou pelas questões identitárias, raciais, entre outras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. **Raisons pratiques**: sur la théorie de l'action. Paris: Seuil, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. Tradução: Mariza Corrêa, Campinas, SP: Papirus, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. A dominação. In: VALLE, Ione Ribeiro; SOULIÉ, Charles (orgs.). **Pierre Bourdieu: uma sociologia ambiciosa da Educação**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2019.
- BOURDIEU, Pierre. **Sociologia geral vol. 2**: habitus e Campo: curso do Collège de France (1982–1983). Petrópolis, RJ: Vozes, 2021
- FOUCAULT, Michel. A Sociedade disciplinar em crise. In: MOTTA, Manoel Barros da. (orgs.). **Ditos e escritos IV**: estratégia, poder-saber. Tradução de Vera Lúcia A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L.; RAINBOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- MATEO, Natacha; ANTONIUCCI, Melina. Una perspectiva del poder en Foucault y Bourdieu. In: Jornadas de Jóvenes Investigadores, 7., 2013, Buenos Aires. **Anaís [...]**. Buenos Aires: Instituto de Investigaciones Gino Germani:Facultad de Ciencias Sociales:Universidad de Buenos Aires, 2013.
- NETO, João Somma; DIAS, Eduardo Covalesky; CALEFFI, Renata. Entre Bourdieu e Foucault: relações de poder nos campos político e comunicacional. **Tuiuti: Ciência e Cultura, Curitiba**, n. 50, p.55-70, 2015.
- PERISSINOTTO, Renato. História, sociologia e análise do poder. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 11, n. 3, p. 313-320, 2007.
- ROSA, Tiago Barros. O poder em Bourdieu e Foucault: considerações sobre o poder simbólico e o poder disciplinar. **Rev. Sem Aspas**, Araraquara, v. 6, n. 1, p. 3-12, 2017.
- SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. Os efeitos dos discursos: saber e poder para Michel Foucault e Pierre Bourdieu. **Plural**, São Paulo, v. 6, p. 103-117, 1999.